



CIÊNCIA, MÍDIA, ESTADO E SOCIEDADE: O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA INTERNET¹

Simone de Mello de Oliveira²

Resumo: No presente artigo fazemos um estudo do discurso de divulgação científica através dos blogs de divulgação científica do Anel de Blogs Científicos da USP, nos quais analisamos a designação de nomes como “informação”, “divulgação” e “notícia”, palavras centrais nos blogs analisados. Para essas análises fazemos uso de um recorte no corpus de análise que fica delimitado pelo anúncio de início e término da pandemia de Gripe Suína ou Influenza A H1N1, pela Organização Mundial da Saúde. Para este trabalho consideramos a designação em uma perspectiva enunciativa e tomamos como procedimentos de análise aqueles apresentados pela Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães. Dessa forma, observamos o efeito da posição sujeito de divulgação caracterizado pelo “copiar e colar” que pouco distancia o sujeito da divulgação da simples reprodução do que encontra.

Palavras-chave: Discurso. Divulgação científica. Internet.

A DESIGNAÇÃO COMO PONTO DE OBSERVAÇÃO

No estudo do discurso de divulgação científica vamos analisar a designação de nomes como “informação”, “divulgação” e “notícia”. Para este trabalho, vamos considerar a designação em uma perspectiva enunciativa.

Consideramos que a designação é produzida pela enunciação e se constitui por determinações que a enunciação atribui a um nome, pelo modo como o texto se configura. Nesta perspectiva, a designação será descrita como o que, na semântica do acontecimento, se considera um domínio semântico de determinação (DSD).

Segundo Guimarães (2002, p. 9), “a designação é o que se poderia chamar de significação de um nome [...] enquanto algo próprio das relações de linguagem, [...] uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja enquanto uma relação tomada na história”.

De outra parte, para Guimarães (2002), a referência é vista como a particularização de algo na e pela enunciação. Nesta perspectiva, Guimarães, seguindo Rancière (1992) não toma os nomes como palavras que classificam objetos, mas como palavras que identificam objetos:

O que é designado é uma construção de sentido, uma relação entre elementos linguísticos. O que é referido é aquilo que é particularizado por uma enunciação. A questão que interessa observar ainda é que só é possível particularizar, referir, porque as palavras designam, assim como no processo constante da enunciação, a cada vez que se refere, produzem-se designações. Desta perspectiva, a distinção entre sentido e referência de Frege

¹ Artigo proveniente da tese de doutorado *Os blogs de divulgação científica: informação, notícia e divulgação*, defendida em 2011, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Guimarães.

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. E-mail: simone.mo@gmail.com.



é insuficiente para tratar da questão, pois a designação, tal como a apresentamos, não é o modo de se apresentar a referência, assim como a referência não é externa ao sentido. (GUIMARÃES, 2007, p. 82).

A designação, como dissemos, será apresentada através dos domínios semânticos de determinação (DSD). O sentido de uma palavra, no DSD, é constituído por relações e estas relações são apresentadas segundo Guimarães (2007) por uma escrita própria, que utiliza sinais específicos para estabelecer as relações entre as palavras. Esses sinais também fazem parte do que é o domínio semântico de determinação. Os sinais utilizados por Guimarães (2007, p. 81) são os seguintes:

\vdash ou \dashv ou \perp ou \top , (que significam determina, por exemplo, $y \vdash x$ significa x determina y , ou $x \dashv y$ significa igualmente x determina y ; que significa sinonímia); e um traço como $_$, dividindo um domínio, significa antonímia (GUIMARÃES, 2007, p. 81).

Assim sendo, o domínio semântico de determinação de um nome é o que consideramos a designação desse nome, nesse texto, ou seja, um DSD é uma análise de uma palavra. Segundo Guimarães (2007, p. 81), “ele representa uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado (um texto, um conjunto de texto, etc). E a constituição de um DSD é: partir de uma palavra específica e procurar, por um procedimento de análise específico, relacionar essa palavra à outras do mesmo corpus, verificando as relações (de determinação) que as organizam (Guimarães, 2007, p. 95).

A designação de uma palavra é produzida por relações de palavras a palavras, nesta medida é que a designação não é uma classificação das coisas existentes, é uma significação que identifica coisas: “não enquanto existentes, mas enquanto significadas” (Guimarães, 2007, p. 95).

Nesta medida, a designação (o DSD) não é um modo de uma língua organizar o mundo, ou seja organizar a cognição. Segundo Guimarães:

Um DSD mostra como o funcionamento das palavras na enunciação constituem sentido (designação e referência, entre outras coisas). Ou seja, não se pensa uma língua como organizada por campos específicos que no conjunto nos daria a própria organização do pensamento daqueles que falam uma língua. O DSD é, ao contrário, a caracterização de como no acontecimento da enunciação, uma língua se movimenta ao funcionar” (GUIMARÃES, 2007, p. 96).

Para descrever as enunciações dos nomes e assim caracterizar o que designam, tomamos como procedimento de análise as reescrituras que se dão nos textos e as articulações próprias em enunciados (Guimarães, 2002, 2007 e 2009). Estas análises levam à representação da designação pelo domínio semântico de determinação das palavras.



Para este artigo, então, vamos nos dedicar à análise das designações de divulgação, notícia e informação, procurando ver como elas significam neste discurso de divulgação científica na internet.

A análise das designações será feita, levando em conta três eixos que articulam a relação do discurso de divulgação com o Estado/governo, a mídia e a sociedade. Levaremos assim em conta os eixos:

- a) relação blog-ciência, através da designação da palavra divulgação;
- b) relação blog-mídia, através da designação da palavra notícia;
- c) relação blog-Estado/governo, através da designação da palavra informação/monitoramento.

A RELAÇÃO BLOG-CIÊNCIA: SENTIDOS DE DIVULGAÇÃO

A primeira coisa a observar é que a palavra “divulgação” não aparece nos blogs¹ selecionados. No entanto, observando os textos neles incluídos vamos encontrar duas expressões importantes: “divulgar ciência” e “divulgador de ciências”, como se vê abaixo:

D1

O Brontossauro em meu Jardim nasceu no dia 15 de outubro de 2007. Brontossauros podem não existir mais, mas ainda vivem no jardim de meus pensamentos. Este blog não tem pretensões de conquistar o mundo, apenas de **divulgar Ciência** de forma simples e divertida. No entanto, de vez em quando temos gratas surpresas!

D4

O que é gene repórter afinal?

O scibling (agora acho que posso chamá-lo de scibling) Igor Zolnerkevic (do Universo Físico) quem me chamou a atenção. Ele é **divulgador de ciências**, mas só foi saber o que era gene-repórter quando fez uma reportagem sobre a bioluminescência *Phrixothrix hirtus* - seu gene de luciferina leva à produção de um brilho avermelhado e pode ser utilizado nas pesquisas sobre câncer (leia a reportagem aqui - só uma picuinha da patrulha purista vocabular, lagarta é o nome da larva de lepidópteros - mariposas e borboletas -, o *P. hirtus* é um coleóptero - besouro vagalume fengodídeo). Claro, ele é físico de formação. Eu certamente ignoro um monte de nome de fenômenos, técnicas e efeitos da física (e de química, da história, da farmacêutica, da geologia, da geografia, da sociologia, da matemática... e mesmo de várias áreas da biologia).

Pronto, aos paraquedistas que contribuem involuntariamente com a audiência deste blogue, espero ter pagado minha dívida.

Este aspecto nos leva a considerar aqui a expressão “divulgação científica”, e não simplesmente “divulgação”. Ou seja, o que interessa aqui não é simplesmente o sentido

¹ Trabalhamos com os blogs de divulgação científica do Anel de Blogs Científicos da USP. Para essas análises fazemos uso de um recorte no corpus de análise que fica delimitado pelo anúncio de início e término da pandemia de Gripe Suína ou Influenza A H1N1, pela Organização Mundial da Saúde.



de divulgação, mas o sentido de “divulgação científica”. O que temos a analisar é o sentido desta expressão.

Por outro lado, percorrendo os textos vamos encontrar em D3 (abaixo) a expressão divulgar outras informações:

D3

CTH: Há interesse do Ministério da Saúde divulgar outras informações via blogs?

FS: Nossa prioridade inicial era sanar as dúvidas, para ajudar a população da melhor maneira. Em um segundo momento é possível que comecemos a publicar informações nos blogs. Mais isso vai de acordo com a aceitação de seus moderadores.

Ou seja, o sentido de divulgar aparece articulado ao sentido de informar. Divulgar aparece assim como um sinônimo, em certa medida, de informar: divulgam-se informações, divulgar é informar. Isto se confirma se consideramos:

D2

CTH: O que foi pouco divulgado sobre a gripe suína?

FS: Desde o princípio desta doença, o Ministério da Saúde está usando de transparência em todas as informações. É importante que a população saiba que não há interesse algum do Brasil de omitir fatos, como uma provável circulação do vírus em Território Nacional. O Influenza A (H1N1) é altamente contagioso e para contê-lo vamos precisar da colaboração e prevenção individual de todos. Para que isso ocorra, a população precisa estar a par de tudo.

Aqui, claramente, ao responder a “o que foi pouco divulgado”, o representante do governo retoma divulgar por “transparência em todas as informações”. Mesmo que isto esteja presente pela presença de um diálogo, e assim por locutores diferentes, instala-se na conversa a relação entre divulgar e informar, já encontrada acima na voz do blogueiro em D3.

E, em D3, também encontramos um outro aspecto interessante, a resposta do agente do governo faz uma nova reescrituração, agora divulgar aparece retomado por publicar. E o autor do blog não faz nenhum reparo a isso, no seu processo de autoria de “copiar e colar”. Assim divulgar é também publicar. Deste modo podemos considerar como o DSD de divulgar ciência:

Publicar — DIVULGAR CIÊNCIA — informar
--

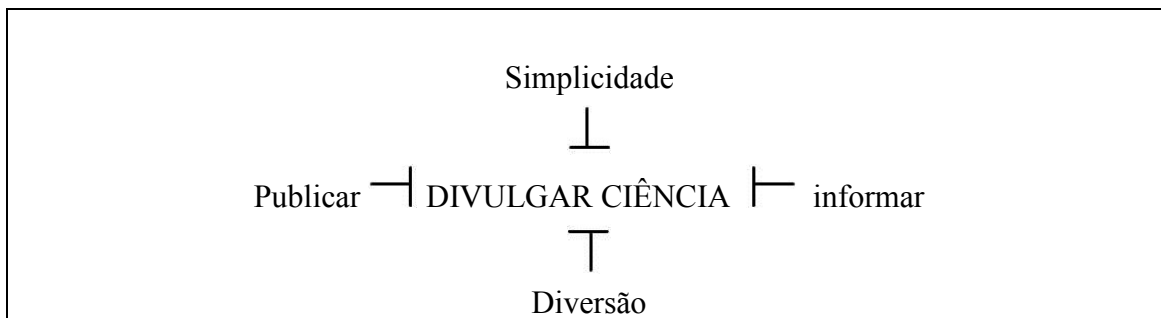
Por outro lado, podemos voltar a D1 e encontramos uma oposição argumentativa importante:

D1.1.

Este blog não tem pretensões de conquistar o mundo, apenas de divulgar Ciência de forma simples e divertida.



Aqui o movimento argumentativo do ‘apenas’ opõe conquistar o mundo aos objetivos do blog, da divulgação: ser simples e divertida. Ou seja, diversão e simplicidade determinam aí o sentido da divulgar ciência, a partir do jogo da argumentatividade do texto. Temos então:



Assim a divulgação científica aparece como colocar em circulação informações científicas de modo simples e divertido.

A RELAÇÃO BLOG-MÍDIA: SENTIDOS DE NOTÍCIA

No blog *Brontossauros no meu Jardim*, no post “*Ministério da Saúde usa a Internet contra a gripe suína*”, procurando pela incidência da palavra notícia, temos os seguintes recortes:

N1

CTH: Além de blogs, você monitoram o Twitter e outros sites de mídias sociais?

FS: Monitoramos tudo. Orkut, Twitter, blog, sites de **notícias**, entre outros.

N2

1 Eu recebi um comentário da Fernanda nos SEMCIENCIA. Incrível, dado que só tenho 70 visitantes dia! Perguntei a ela sobre a **notícia** veiculada nos jornais de que o Brasil havia comprado 800.000 cartelas de Tamiflu da Roche e estou aguardando a resposta.

Ainda bem que estamos no Brasil e não somos paranóicos.

Se fosse nos EUA, essa iniciativa do Ministério da Saúde seria encaixada em alguma teoria conspiratória...

Escrito por: Osame Kinouchi | junho 2, 2009 3:12 PM

N3

7 Parabéns ao Ministério da Saúde pela iniciativa! Esperamos que estendam esta ideia a outras áreas, afinal, os blogs são um canal interessante de comunicação e creio que a comunicação entre os ministérios e a população não deve ficar restrita somente aos canais de **notícias** deles próprios.

N4

6 Carlos, 87% das mortes nos EUA são de pessoas entre 5 e 50 anos. Quem são os grupos de risco?



Não estou entendendo algumas coisas na questão do Tamiflu. Você teria alguma idéia?

1. O Tamiflu só é eficaz se administrado até 48 horas após a contaminação. Mas o governo pretende usá-lo apenas nos casos graves. Mas para um caso se configurar grave, imagino que isso só acontece depois de 48 hs. Ou não?

2. Tamiflu é remédio tarja preta? Porque o governo tirou o mesmo do mercado? A explicação de que é para prevenir o surgimento de cepas resistentes ao Tamiflu parece mais uma racionalização: é verdade, mas não toda a verdade. Será que a verdadeira razão é que os estoques do governo estão muito baixos?

3. A **notícia** dada pelos jornais de que o governo teria comprado 800.000 caixas de Tamiflu é aparentemente falsa. O custo no mercado de uma caixa é de R\$ 160. Se o governo comprasse com um super desconto, por R\$ 100, seria necessária uma verba de R\$ 80 milhões para comprar as 800.000 caixas. A única notícia sobre verba extra para a gripe suína foi a de R\$ 140 milhões aplicados na política de contenção em aeroportos e fronteiras, e folhetos de propaganda.

Existe como checar isso? A Fernanda do Ministério da Saúde aparentemente saiu fora do ar...

Escrito por: Osame Kinouchi | [junho 30, 2009 2:23 PM](#)

O que vemos é que “notícia” aparece reescrito por repetição, como se a palavra aí estivesse com o sentido que a língua lhe dá, e que é de todos conhecido. Por outro lado ela aparece articulada sempre a outras palavras formando sintagmas como site de notícias, jornal de notícias, canal de notícias. Notícia é algo que é “veiculado” pela mídia.

Por outro lado vemos como “notícia” aparece reescriturado por desenvolvimento por uma descrição de fatos: “o governo teria comprado 800.000 caixas de Tamiflu é aparentemente falsa. O custo no mercado de uma caixa é de R\$ 160”. Esta descrição na conjuntura deste trabalho pode ser nomeada também por informação (e trataremos desta palavra mais à frente). E isso se articula também a que a notícia, pode ser “falsa” (ou verdadeira, portanto), como em N4 em 3.

Outro aspecto, a notícia é uma informação de um site, de um jornal, de um canal de notícia. Ou seja, é algo que é informado pela mídia. Assim teríamos o seguinte DSD:

Informação — NOTÍCIA — mídia

É interessante observar como isto se formula em:

N5

10 Carlos,

Na fase 6 da OMS e na fase 6 do plano de emergência do Ministério da Saúde, a ação recomendada é mitigar os danos (dar tratamento as pessoas) e não tentar evitar a disseminação da doença.

Querer evitar a disseminação do vírus é idêntico a querer evitar a disseminação da gripe sazonal. Todo mundo sabe que isso é impossível.

Agora, parece que a negociação não foi para frente, **a notícia sumiu dos noticiários**. As negociações com a Roche para ceder patentes e tecnologia e fabricação do Tamiflu também não foram bem sucedidas.



A síntese do Tamiflu é altamente complexa, dê uma olhada. Isso valeria um post...
http://en.wikipedia.org/wiki/Oseltamivir_total_synthesis

Estimo que o Brasil tenha no máximo 11.000 caixas de Tamiflu (das 12.000 iniciais). O recomendável é usar duas caixas por pessoa. Então temos 6 mil tratamentos. O número atual de casos confirmados é 694 (mas o Ministério está soltando esses números muito lentamente) e o de casos suspeitos é mais de 1000.

Ou seja, o estoque do governo termina em duas semanas...

Escrito por: Osame Kinouchi | [julho 2, 2009 11:03 AM](#)

Aqui temos notícia predicada por sumiu dos noticiários, o que significa que a notícia aparece (é apresentada) em noticiários. E veja que notícia não é uma redundância, não nos enganemos com o aspecto cognato da etimologia. Mais uma vez a evidência do que seja notícia.

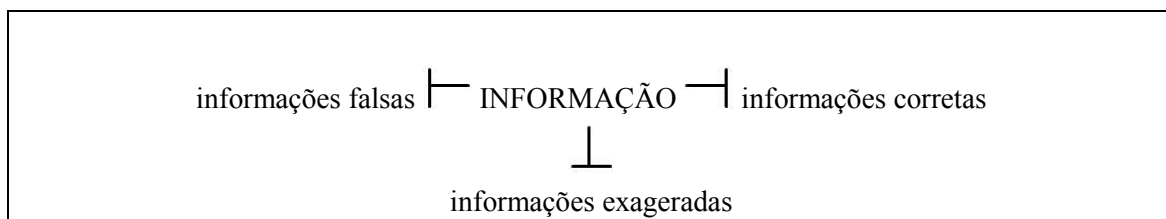
Um aspecto importante a se considerar é que nos dois casos, a questão da relação com a ciência, e a relação da mídia com a ciência acaba por se deslocar diretamente para a questão do interesse social, acaba-se por se localizar numa questão mais “social” que propriamente científica.

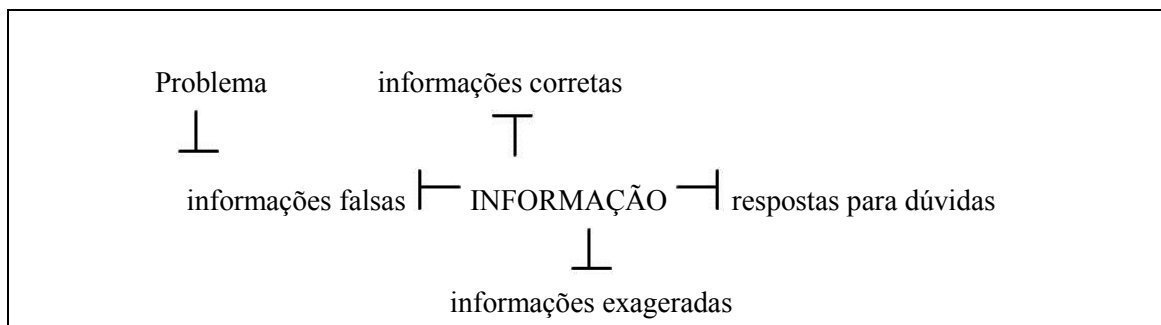
Guimarães (2001, p. 20) discute o caráter da notícia para a mídia e trata-o como sendo “o acontecimento visto como constituído por uma decisão tomada pela própria mídia”, ou ainda, como “efeito do presente e da intenção do jornal”, buscando, segundo o autor, por um “efeito de memória zero”, apagando a longa história de produção desse conhecimento, tomando-o como um acontecimento do presente.

A RELAÇÃO BLOG-ESTADO/GOVERNO: SENTIDOS DE INFORMAÇÃO

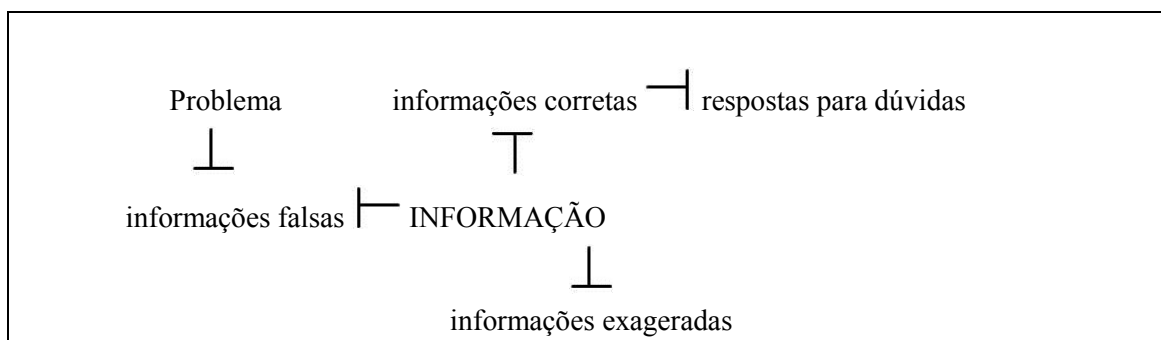
Consideramos, agora, a palavra “informação” como central no post “Ministério da Saúde usa a Internet contra a gripe suína” do blog “Brontossauros em meu jardim”, começamos a procurar as relações de sentido entre os enunciados integrados nesse texto.

Se começamos pela sequência (1), podemos ver que encontramos “informações falsas” que se articulam como “informações exageradas”. Por outro lado, em (2) temos “informações falsas” e “informações corretas”. Ou seja, “informação” vem sempre num sintagma nominal com uma especificação. Deste modo podemos considerar que estas expressões enumeram tipos de informação. Isto nos permite chegar ao seguinte conjunto de determinações (DSD-1):





Isto já nos coloca diante de uma questão importante, pois o texto apresenta a determinação de “informação” sobre “respostas para dúvidas” a partir de “informações corretas”. O que leva a pensarmos, então no seguinte DSD-4:



De um certo modo esta última apresentação do DSD pode nos levar a nos perguntarmos se não há uma contradição no sentido de informação, em funcionamento: de um lado informar é dar uma “notícia”, e de outro informar é dizer algo verdadeiro. O que estaria sustentado pelo último enunciado da sequência I3. Nele “informações” aparece como reescrituração de “respostas para suas dúvidas” e articulado a “mais”. Assim, “informação” aparece como algo que pode ter maior ou menor quantidade. E não como algo que pode ser verdadeiro ou falso. Logo, podemos nos perguntar se a relação de reescrituração entre “respostas para suas dúvidas” e “informações” não leva à determinação de “respostas para suas dúvidas” sobre “informação”. Este tipo de determinação faz “informação” significar dizer algo correto, verdadeiro.

Coloca-se então uma questão: quem diz cada uma das sequências acima analisadas? Para responder a essa pergunta recorreremos à descrição da Cena Enunciativa (Guimarães, 2002). Nas palavras de Guimarães (2002, p. 26) “de que lugares sociais é possível dizer o que se diz e deste modo?”.

Podemos dizer que os lugares sociais aqui representados, pelos dizeres e não pelas pessoas, são o de blogueiro e o de governo (Assessoria de Imprensa, Ministério da Saúde). O que nos proporciona duas cenas enunciativas distintas: cena 1 - um Locutor que fala do lugar social de blogueiro (l-b) a um leitor comum (al-l); Cena 2 - um Locutor que fala do lugar social de representante do governo (l-g) a um alocutário blogueiro (al-b) e vice-versa. Que podem ser esquematizadas da seguinte forma:



(a)L [l-x (blogueiro) — Al-x (leitor), visão geral

e

(b)L-[l-b [l-g — al-b] al-l, num efeito de informação.

Onde, b = blogueiro, l = leitor comum, g = governo

Uma coisa importante a observar aqui é que estas cenas, mesmo que correlacionadas com as relativas à configuração geral da enunciação de divulgação científica (ver p. 105 e 106), apresentam a característica específica da relação entre a divulgação e a voz do governo. O aspecto geral a reter é que o locutor-x (jornalista ou blogueiro), ao falar para um leitor-comum sempre apresenta o dizer de um outro lugar de locutor (o cientista ou o governo, no caso presente).

Nestas cenas os dizeres que as configuram agrupam-se da seguinte forma:

Blogueiro:

I1

Um dos problemas que temos que enfrentar durante uma epidemia é o alastramento de informações falsas ou exageradas que podem levar a um pânico generalizado.

I2

A Internet tem um papel fundamental no alastramento de tanto informações falsas quanto informações corretas.

Governo:

I3

O Ministério da Saúde conta com uma página exclusiva (http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id_area=1534) na qual você encontrará respostas para todas as suas dúvidas a respeito da gripe suína. Além disso, você pode buscar mais informações no Disk Saúde 0800 61 1997.

Podemos considerar que I1 e I2 se apresentam na cena (a), em que o locutor-blogueiro procura chamar a atenção do leitor comum para a necessidade de se atentar para a verdade ou falsidade da informação.

Por outro lado, e em virtude do dito logo acima, o locutor-blogueiro relata o dizer de um locutor-governo, que aparece em I3. Deste modo o locutor-governo se apresenta, através do relato do blogueiro, como a fonte da informação correta. Este embate leva ao sentido de “monitoramento” que aparece na relação blogueiro-governo.

Avancemos agora na análise do embate em torno do acompanhamento de blogs (e das mídias em geral) pelo governo (Ministério da Saúde), embate que se faz notadamente em torno do que aqui se chama monitoramento. Vamos analisar a sustentação da posição do governo diante do blogueiro em uma entrevista feita via e-mail com a responsável que assina os *comentários* em nome do Ministério da Saúde nos



comentários dos blogs de divulgação científica. A entrevista foi publicada no corpo do post do blogueiro.

Carlos: Qual é o seu cargo e atribuições no Ministério da Saúde?

Fernanda Scavacini: Sou coordenadora de Comunicação Integrada, da Assessoria de Comunicação do Gabinete do Ministro. Minha atribuição é coordenar projetos que integrem o governo e população, utilizando a internet, como principal meio.

A partir da atribuição de “coordenar projetos que integrem o governo e população”, o blogueiro questiona de quem foi a iniciativa de “acompanhar” os blogs, ao que a responsável do ministério responde “a iniciativa foi do Chefe da Assessoria de Comunicação, Marcier Trombiere”. Na questão seguinte o blogueiro avança com seu questionamento em uma direção mais política, vamos dizer assim, questionando quais outras mídias o governo tem “monitorado”, ao que a pessoa, responde “toda internet”, assim aceitando o jogo proposto pelo blogueiro de que o Estado estaria com essa ação monitorando os blogs. O que ainda fica acrescido pela totalização, não são somente os blogs, é toda a internet que está sendo monitorada, como podemos ver em M1 e M3

M1

CTH: De quem foi a iniciativa de acompanhar os blogs?

FS: A iniciativa foi do Chefe da Assessoria de Comunicação, Marcier Trombiere.

CTH: Quais mídias vocês têm monitorado?

FS: Toda Internet.

M3

CTH: Além de blogs, você monitoram o Twitter e outros sites de mídias sociais?

FS: Monitoramos tudo. Orkut, Twitter, blog, sites de notícias, entre outros.

Insistindo com o “monitoramento”, o blogueiro pergunta há quanto tempo ocorre este monitoramento, e obtém como resposta, o monitoramento iniciou na data tal. Este monitoramento não parece causar nenhum problema à representante do Ministério, que na questão seguinte, reescritura eufemisticamente o monitoramento utilizado na pergunta do blogueiro por “já postamos intervenções em mais de 100 canais”. Intervenções do estado em canais de comunicação é algo que traz uma história de enunciações bastante carregada, para ser dito dessa maneira.

M2

CTH: Há quanto tempo ocorre este monitoramento?

FS: O monitoramento iniciou no dia 25 de abril, quando a Organização Mundial de Saúde deu o alerta sobre o vírus Influenza A(H1N1).

CTH: Mais especificamente, quantos blogs vocês têm monitorado?

FS: Até o momento, já postamos intervenções em mais de 100 canais de comunicação da internet.



Até que em algum momento, monitorar (acompanhar, intervir) é retomado por “o trabalho” e assim permanece na voz do Ministério por mais algumas questões, como podemos ver nos recortes seguintes:

M4

CTH: Como é feito este monitoramento?

FS: O trabalho é coordenado daqui, diretamente do Ministério da Saúde.

CTH: Este monitoramento é feito somente para gripe suína ou também é feito para outras doenças?

FS: Este é um trabalho pioneiro, que surgiu da necessidade de sanar as dúvidas da população sobre uma doença nova, a Influenza A (H1N1). É um canal direto, onde a população tem a oportunidade de ter seu questionamento respondido com precisão e de forma simplificada, sem usar termos técnicos ou difíceis. Não usamos textos prontos. Conforme a utilidade apresentada por este serviço, poderemos estendê-lo a demais doenças

CTH: Quais são os erros e imprecisões mais frequentes?

FS: Com este trabalho é possível ter uma visão real sobre a expectativa da população sobre as ações do Ministério, em relação à doença. Assim como identificar as principais dúvidas, teorias a respeito do vírus e, principalmente, boatos que podem trazer pânico à sociedade. Nem sempre fomos bem aceitos. Porém, na maioria das vezes, a recepção é positiva, pois as pessoas aproveitam para sanar suas dúvidas e dar sugestões. No Orkut, várias comunidades abriram espaço para nós e aproveitaram para nos consultar nas questões levantadas em seus fóruns.

Já em M5, o blogueiro faz um novo movimento, em outra direção, como que brincando (com a linguagem?), e entra na questão da divulgação, reescrevendo “coordenar”, “acompanhar”, “monitorar”, “intervir” e “trabalho”, por “divulgar”, vejamos os recortes que seguem:

M5

CTH: O que foi pouco divulgado sobre a gripe suína?

FS: Desde o princípio desta doença, o Ministério da Saúde está usando de transparência em todas as informações. É importante que a população saiba que não há interesse algum do Brasil de omitir fatos, como uma provável circulação do vírus em Território Nacional. O Influenza A (H1N1) é altamente contagioso e para contê-lo vamos precisar da colaboração e prevenção individual de todos. Para que isso ocorra, a população precisa estar a par de tudo.

CTH: Há interesse do Ministério da Saúde divulgar outras informações via blogs?

FS: Nossa prioridade inicial era sanar as dúvidas, para ajudar a população da melhor maneira. Em um segundo momento é possível que começamos a publicar informações nos blogs. Mais isso vai de acordo com a aceitação de seus moderadores.

E observemos que “divulgar”, na voz do governo, volta a ser “informação”. E a informação, ainda na voz do governo, como podemos ver no recorte M5 é sempre “verdadeira”.

Observemos também que no texto não temos a definição de informação, a qual aparece como tendo o mesmo sentido para todos. E que, em alguma instância, corresponde à ideia de neutralidade da informação. Assim a divulgação científica aparece como monitorada pelo governo, porque o Estado se apresenta como tendo



responsabilidade sobre a informação (que é significada na voz do governo como notícia verdadeira).

CONSIDERAÇÕES

Se pensarmos essas análises feitas, relativamente à designação de divulgação, notícia e informação, vamos ver que no limite tudo acaba por confluir para o sentido da informação. Divulgar ciência é/aparece como informar. E na análise vemos que o sentido de informar se movimenta polissemicamente entre “dar uma notícia” (verdadeira ou falsa) ou “dar uma notícia verdadeira”. E é neste espaço polissêmico que entra a relação com o governo e a questão do monitoramento, o sentido de monitorar, que acaba por significar, no dizer do governo, diretamente, o trabalho a ser feito (há um momento que a análise mostra que monitoramento dito pelo blogueiro é reescriturado pelo locutor-governo por “o trabalho”). E neste ponto vê-se que no diálogo com o governo o locutor-blogueiro acaba por não se colocar numa posição crítica, mas simplesmente na posição de reproduzir (pelo menos é só isso que se pode observar) o dizer do governo na forma de um discurso direto ou indireto. Vê-se aqui, claramente o efeito da posição sujeito de divulgação (caracterizado pelo “copiar e colar”) que pouco distancia o sujeito da divulgação da simples reprodução do que encontra.

REFERÊNCIAS

- GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração, funcionamento enunciativo e sentido. *Caderno de Estudos Linguísticos*. n. 51. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp, 2009.
- _____. *Domínio Semântico de Determinação*. A palavra. Forma e sentido. Campinas: Pontes, 2007.
- _____. *Semântica e Pragmática. Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2006.
- _____. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. O acontecimento para a grande mídia e a divulgação científica. In: Guimarães, Eduardo (Org.). *Produção e Circulação do Conhecimento: Estado, Mídia, Sociedade*. Campinas - SP: Pontes, 2001.
- _____. La science entre les politiques scientifiques et les médias. *Les Carnets du Cediscor* [En ligne], 6/2000, mis en ligne le 11 mai 2009, consulté le 23 mai 2011. Disponível em: <<http://cediscor.revues.org/321>>.
- GUIMARÃES, Eduardo; Orlandi, E. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 2001.
- OLIVEIRA, Simone de Mello de. *Os blogs de divulgação científica: informação, notícia e divulgação*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2011.
- RANCIÈRE, Jacques (1992). *Os nomes da História*. Campinas: Pontes, 1994.

Abstract: *This study seeks to understand how is the operation of production and circulation of scientific knowledge, which is a constituent part of society also reflected on popular science, where science comes out of his place of “origin” (educational institutions with its technology centers, for example) and become “publicized” (media), or becomes part of daily life for non-specialists. It is about the school as a place of institutionalized production and transmission of scientific knowledge and is now sharing space with the media that increasingly occupies a position within the transmitter of scientific knowledge.*

Keywords: *Discourse; Dissemination of Science; Internet.*